

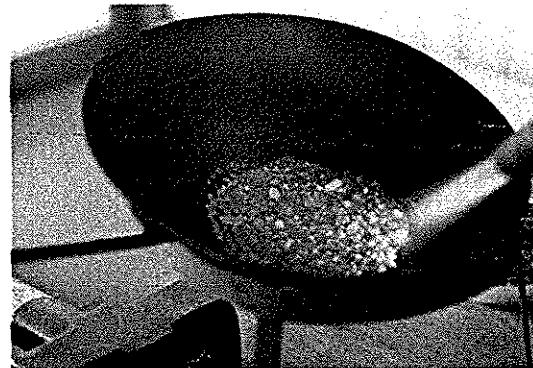
# Perigo metálico

Governo começa a fechar garimpos de ouro por causa da poluição provocada pelo mercúrio

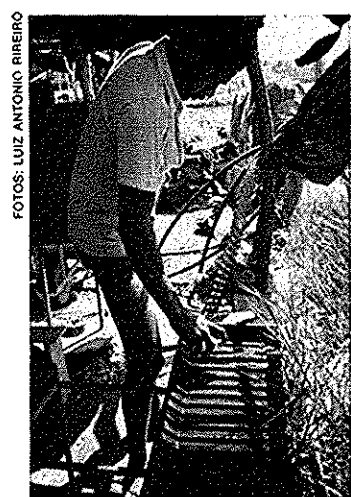
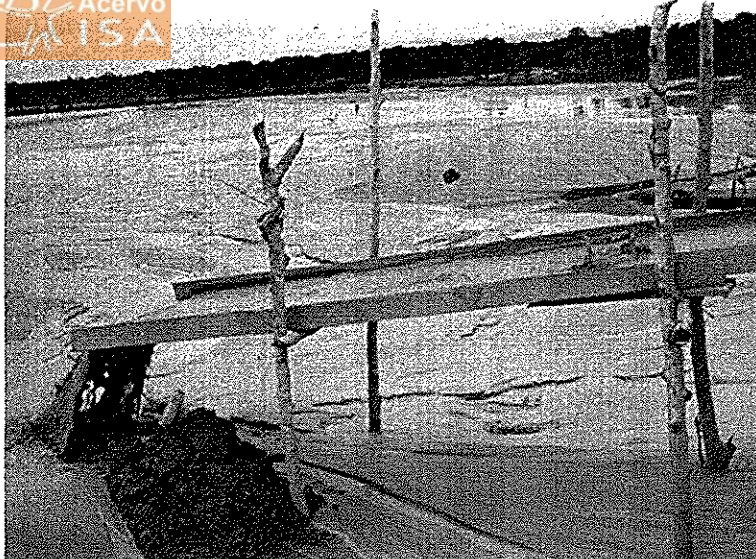
Desde que chegou de Serra Pelada, há um ano, em busca do ouro mais fácil do garimpo do Apicás, 800 quilômetros ao norte de Cuiabá, Mato Grosso, o maranhense Reinaldo Ribeiro da Silva, 23 anos, vem se dedicando a uma rotina perigosa. Todos os dias, depois de trabalhar mais de dez horas no bico de jato, uma potente mangueira de compressão que desmonta os barrancos do rio Apicás a golpes de água, no final da tarde ele recolhe a poeira de ouro retida na esteira por onde escorre a lama do barranco. Para separar o ouro das impurezas, ele junta na sua bateia 100 gramas de mercúrio metálico, o mesmo usado nos termômetros comuns. O mercúrio forma uma amálgama com o ouro, separando-o das impurezas. Em seguida, o garimpeiro queima a mistura com um maçarico, para fazer o mercúrio evaporar. Nos bons dias ele apura, no final da operação, 100 gramas de ouro, algo em torno de 35 mil cruzados, uma quantia impensável para um dia de trabalho não-qualificado. Em compensação, Reinaldo paga um preço caro por essa riqueza: respira uma quantidade absurda de gás de mercúrio. O que ele não respira cai em seguida, por ser um metal pesado, na terra ou direto no rio.

A perigosa rotina de Reinaldo é repetida diariamente cerca de 500 mil vezes, ou seja, o número de garimpeiros que atuam na Amazônia legal. Cada um deles usa em média 1 grama de mercúrio para cada grama de ouro. O resultado da soma dessas quantidades é um número assustador. Cada tonelada de ouro produzida pelo país corresponde a 1 tonelada de mercúrio lançada no meio ambiente. Como o Brasil produziu no ano passado perto de 90 toneladas de ouro, isso significa que 90 toneladas de mercúrio, aproximadamente, foram lançadas

FOTOS: LUIZ ANTONIO RIBEIRO



O garimpeiro Reinaldo manobra o bico de jato, mangueira de forte compressão, numa das lavras de Apicás. Em seguida, mistura o ouro com mercúrio, que quando não é derramado na água (esq.) evapora (acima)



FOTOS: LUIZ ANTONIO RIBEIRO

Crixás, afluente do Araguaia, conhecido por suas belas praias e paraíso dos pescadores, fundamentam suas preocupações. Os exames laboratoriais realizados pelo Instituto Adolfo Lutz, de São Paulo, constataram que o filé dos peixes recolhidos acusava um teor de mercúrio de 0,8 miligrama por quilo (0,8 mg/kg), quando o máximo admissível é 0,5 mg/kg.

Se a intoxicação das populações que se alimentam somente dos peixes dos rios das áreas de garimpo ainda se qualifica apenas como um risco em potencial, mas que se avoluma a cada dia, para os garimpeiros

A lama do barranco é lançada ao rio Apiacás...

...cheia de mercúrio

nas principais bacias auríferas do país, como a do rio Tapajós, no Pará, do Madeira, em Rondônia, e dos rios do Norte de Mato Grosso, como o Apiacás. São estimativas aceitas pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), que fiscaliza a exploração do subsolo brasileiro. Reinaldo, como a maioria dos garimpeiros, não faz idéia dos males da poluição do mercúrio. "Muito pouco cai na água", justifica-se o garimpeiro. O governo, por sua vez, embora saiba dos problemas ambientais causados pelo metal, age apenas de forma esporádica e repressiva, como no rio Muriaé, em Minas Gerais, há dois meses, e na semana passada, quando fechou cem lavras em Poconé, a 100 quilômetros de Cuiabá, considerada a entrada do Pantanal. O recém-empossado governador de Mato Grosso, Carlos Bezerra, pretende com isso deflagrar a campanha contra o uso indiscriminado do mercúrio.

O secretário nacional do Meio Ambiente, Roberto Messias, acha que o assunto não ganhou ainda dimensões de escândalo nacional somente porque os garimpos estão localizados em regiões de baixa densidade demográfica, distantes dos grandes centros. O diretor do Serviço de Ecologia do Ministério da Saúde, Édson Prado Machado, considera que a poluição do mercúrio já está chegando próximo dos limites tolerados pelo ambiente. "A natureza tem seus mecanismos de autodepuração", explica ele. "Uma vez suplantados estes

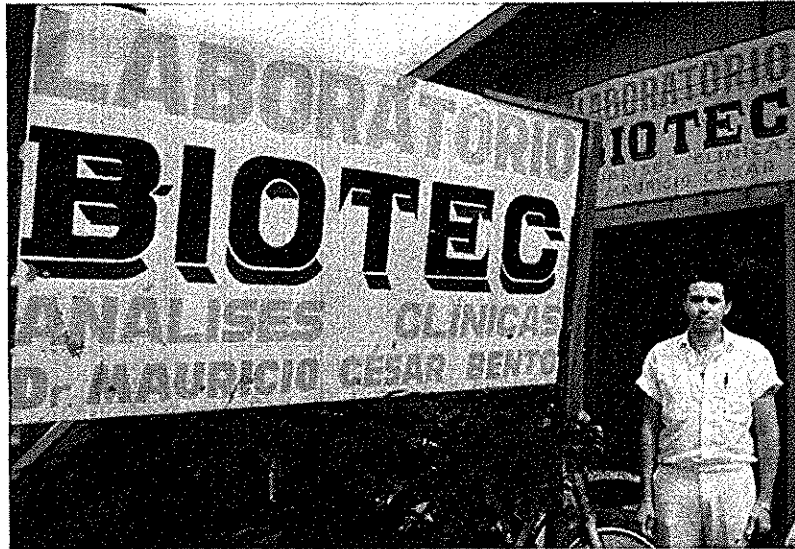
mecanismos, as conseqüências são catastróficas." Prado disse estar chocado com os relatórios enviados pelas secretarias dos Estados produtores de ouro sobre a poluição de mercúrio. O que mais assusta o Ministério da Saúde, a SEMA e secretarias de Saúde e Meio Ambiente de alguns Estados é, além da contaminação direta do garimpeiro, o elemento mais exposto, a grande probabilidade de que o mercúrio lançado nos rios entre na cadeia alimentar. Por ser um metal pesado, o mercúrio deposita-se nos sedimentos, contaminando as plantas aquáticas que alimentam os peixes. A partir daí há um processo de acumulação de mercúrio principalmente no organismo dos peixes carnívoros, que se alimentam de outros peixes. Comendo estes peixes, o homem será irremediavelmente contaminado.

O diretor de Fomento à Produção Mineral do DNPM, Sílvio Baeta Neves, diz que em sua casa "não entra mais peixe de água doce". Pode ser um exagero, mas as primeiras amostras de peixe coletadas pelo Ministério da Saúde, no rio

já é um fato concreto. O mesmo Instituto Adolfo Lutz realizou exames de sangue em dezoito garimpeiros de Crixás e dezessete deles apresentaram um índice superior a 0,5 micrograma de mercúrio por 100 mililitros de sangue, o considerado normal. Há casos em que a concentração de mercúrio chegou a 6,9 microgramas de mercúrio por 100 mililitros de sangue.

Dados igualmente alarmantes foram colhidos em amostras de sangue nos garimpos de Mato Grosso pela Coordenadoria de Meio Ambiente, vinculada à Secretaria de Saúde. Apenas uma amostra apresentou o índice normal, mas em alguns casos observaram-se até 10,1 microgramas de mercúrio por 100 mililitros de sangue, um índice vinte vezes acima do normal.

Um estudo realizado pela Cetesb, com base na literatura disponível sobre o assunto, aponta que a toxicidade aguda por mercúrio é caracterizada por fortes náuseas, vômitos, dores abdominais, diarreias sanguinolentas, distúrbios renais, cegueira e morte, geralmente em



Maurício: sintoma claro da exposição aos gases do mercúrio



Altino: intriga das empresas

SERGIO MORAES

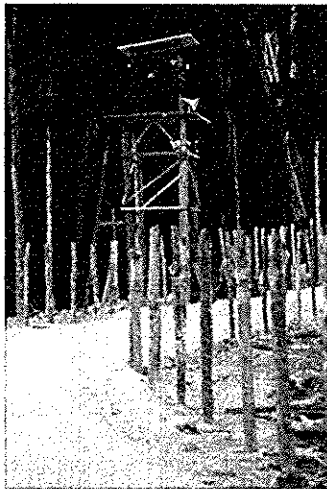
dez dias. O mesmo estudo revela que o envenenamento crônico se caracteriza por inflamação da boca e gengivas, inchaço das glândulas salivares, salivação excessiva, perda de dentes, tremores musculares, espasmos das extremidades, mudança de personalidade, depressão, irritabilidade e nervosismo.

Esses sintomas não são estranhos para Maurício César Bento, proprietário do Laboratório Biomed, instalado em Apicás. "O pessoal que trabalha na queima do ouro vem se queixar constantemente de tonturas, dores de cabeça e enjoos", diz ele, sin-

tomas característicos de quem ficou exposto aos vapores de mercúrio. Os mesmos sinais assustaram o mundo em 1956, quando começaram a morrer as primeiras vítimas da doença de Minamata. Entre 1956 e 1973, 84 moradores das cercanias da baía de Minamata, no Japão, morreram em consequência da ingestão de peixes e crustáceos contaminados por vazamentos de compostos de mercúrio de uma fábrica de plástico. O poder do veneno do mercúrio foi novamente demonstrado em 1971, quando os Estados Unidos enviaram 16 mil toneladas de trigo para o Iraque. O cereal foi tratado com mercúrio, para evitar fungos, e tingido de vermelho, para ser usado unicamente como semente. Entretanto, como todas as advertências estavam escritas em línguas ocidentais, o trigo acabou sendo utilizado para alimentação. "Dezenas de milhares de pessoas ou morreram ou ficaram aleijadas, no maior envenenamento coletivo de toda a história", contou o médico inglês Edward Hughes, testemunha do episódio.

Esses relatos não produzem, contudo, qualquer desânimo entre os que buscam o ouro. No Apicás, por exemplo, a Mineradora Porto Estrela disputa palmo a palmo o barranco dos rios com os quase 20 mil garimpeiros que ali trabalham. Para proteger sua área, a empresa construiu uma guarita, e a delegacia local já perdeu a conta dos rifles que apreendeu de garimpeiros. Os processos de disputas de terra se acumulam nos cartórios sem qualquer perspectiva de solução a curto prazo. A situação explosiva de Apicás não é, en-

*Raimundo Alves Gomes:  
sem assistência*



*Guarita em Apicás...*

FOTOS: LUIZ ANTONIO RIBEIRO



*... contra os rifles dos garimpeiros: atrito*

tretanto, única no território nacional. Em toda a Amazônia, onde há ouro há também conflitos entre garimpeiros e empresas.

"Eu não gosto do ouro", afirma com voz serena e surpreendentemente convincente Ariosto da Riva, arquiteto responsável pelo projeto de colonização de Alta Floresta, a capital garimpeira do Norte de Mato Grosso. "Desde as minas do rei Salomão", explica ele, "passando pela história do Brasil-Colônia, o ouro só gera intriga, confusão e violência". Riva não ataca, porém, os garimpeiros. "Não se pode impedir essa gente de trabalhar", justifica. A ocupação repentina de Alta Floresta por milhares de garimpeiros quase colocou a perder seu projeto de colonização, mas por fim, conforme Riva explica, as coisas acabaram por se acomodar. Hoje há cerca de 600 mil hectares de terra beneficiados com produção de café, cacau e guaraná, muitos deles pertencentes a garimpeiros que preferiram diversificar seus negócios. Riva, um pioneiro em Alta Floresta - que já

deixou de ser linha de frente da exploração de ouro para se tornar centro de negócios -, se preocupa com os índices de poluição e agressão ao meio ambiente, que ganharam velocidade espantosa nos últimos tempos.

Há quem veja, entretanto, essa súbita preocupação ambiental com estranheza. O presidente da União dos Garimpeiros da Amazônia Legal, José Altino Machado, ele mesmo proprietário de aviões de abastecimento e de áreas de exploração de ouro, acha que a atual onda de notícias sobre poluição do mercúrio tem um objetivo oculto. "As empresas mineradoras estão de olho no dia 12 de junho próximo", raciocina ele. É que naquela data termina o prazo de concessão para a exploração de Serra Pelada, no Pará. Com isso devem ser abertas novas concessões e possivelmente novas áreas. Altino acha que o repentino alarma com o mercúrio está ligado ao interesse das empresas mineradoras em derrotar os garimpeiros diante da opinião pública, para abocanharem os melhores quinhões da nova partilha de Serra Pelada. "Por que ninguém se preocupa com a esquistossomose, que está se alastrando na Amazônia?", provoca Altino.

É possível que o presidente da União dos Garimpeiros esteja por demais ligado a suas lutas corporativas para prestar atenção ao meio ambiente. Mas um dado deve ser levado em conta. Ao que parece, nenhum dos grandes problemas que envolvem a Amazônia começará a ser resolvido se não tiver como ponto de partida esses milhares de pequenas personagens que, como Reinaldo, ou seu colega Raimundo Alves Gomes, de Apicás, que caminham quilômetros pelas selvas, são os primeiros a sofrer com a doença e a poluição, sem assistência ou reconhecimento por parte do governo. E formam hoje, certamente, o maior e mais rendoso exército de produção mineral do país.

**João Borges, do garimpo de Apicás ▲**

